



O tempo que delimita o formato: A cobertura da greve dos caminhoneiros pelo Jornal Hoje

Elane Gomes da SILVA Oliveira¹.

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Personagens diversos tem atuação direta na práxis do telejornalismo, um deles é o tempo. É ele quem dá materialidade à organização jornalística em uma redação de TV e assim concede importância a um assunto, a ponto de modificar a rotina de uma emissora. Este artigo é teórico-empírico e delimitou a observação temporal como objeto de análise. O objetivo é perceber como o tempo delimita o formato e gera sentido de urgência, funcionando como marcador da realidade. O caso escolhido foi o do Jornal Hoje, veiculado na Rede Globo de Televisão, no período entre os dias 21 a 30 de maio, momento em que ocorreu a paralisação dos caminhoneiros no país. O noticiário vespertino teve seu formato modificado e foi o responsável por segurar uma cobertura grande ao vivo, começando pela manhã e se estendendo durante todo o dia. Nossa pesquisa é qualitativa e o material foi sistematizado em: atualizações, novidades e repetições.

Palavras-chave: Telejornalismo. Temporalidades. Jornal Hoje. Cobertura. Ao vivo.

1. Introdução

O avanço das tecnologias nos faz querer estar a todo tempo bem informado. Nossos dias passam a ser vividos a partir das conexões. Isso gera em nós uma necessidade de

¹ Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGCom/UFPE). Integrante do Núcleo Jornalismo e Contemporaneidade. E-mail: elanegomessilva@gmail.com

atualização constante, do mundo que nos cerca, das pessoas que fazem parte do nosso círculo e dos assuntos que nos interessam. As tecnologias da informação são as responsáveis por fazer essa conta fechar. A partir delas acessamos dados, buscamos informações e também compartilhamos. Por conta desse cenário evolutivo, que teve seu auge com o desenvolvimento da internet, as mídias readaptaram-se a fim de manter seu público e espaço. Neste artigo o nosso objeto de estudo é a televisão e mais propriamente, o telejornal.

De acordo com a pesquisa brasileira de mídia a televisão continua sendo o meio de comunicação que as pessoas mais usam para se informar no Brasil². Além da informação, a TV ainda aparece como um meio de divulgação e investimento publicitário. (BECKER, 2016, p. 12).

No que se trata de telejornal, este é marcado por ser um resumo dos principais fatos ocorridos no dia, seja local, nacional ou internacional. Ainda seguindo o pensamento de Becker (2016), os telejornais oferecem uma forma familiar de entender o mundo e contam a história cotidiana por meio de uma tessitura singular de imagens e palavras. Com a crescente da tecnologia, o telejornal passou a sofrer alguns impactos que podem ser percebidos em sua linguagem, e, nas formas de acesso. Este mesmo noticiário televisivo pode ser visualizado em vários dispositivos com diferentes tipos de tela.

Esses novos procedimentos de uso permitem o desenvolvimento da instantaneidade da informação. Quando tratamos desta instantaneidade cruzamos também com a temporalidade. No telejornalismo, sentimos o tempo de forma diferenciada. Em algumas ocasiões, é o noticiário televisivo que nos dá o senso de urgência de certos acontecimentos. “A ênfase dada a um acontecimento influencia a sua prioridade para o público, especialmente em função dos atributos, características e propriedades que preenchem as imagens das notícias, competindo pela atenção dos jornalistas e de variadas audiências”. (BECKER, 2016, p. 15)

Segundo Robert Park (1966) os fatos e acontecimentos que são transformados em notícias têm a função de “orientar o homem e a sociedade num mundo real”. Dentro

²Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, cerca de nove em cada dez entrevistados fizeram menção em primeiro ou segundo lugar à TV como o veículo preferido para obter informações.

desse universo, é possível aferir que é de responsabilidade dos jornalistas situar o homem dentro do contexto político, social, cultural e econômico do mundo.

Na mais elementar de suas formas, o relato de uma notícia é um mero “lameijo” a anunciar que um acontecimento ocorreu. Se o ocorrido tiver real importância, o interesse por ele acarretará novas indagações e um conhecimento mais completo das circunstâncias em que se verificou. O acontecimento deixa de ser notícia, entretanto, assim que haja cessado a atenção que despertou e assim a atenção do público tenha sido dirigida para outro aspecto do *habitat* ou algum outro incidente tão novo, emocionante ou importante que seja capaz de prendê-la. [Grifo do autor] (PARK, 1966, p. 175)

O jornalismo é o discurso do presente. Explicar como funciona o jornalismo é explicar como funciona o presente numa sociedade (GOMIS, 1997). Então, valendo-nos dessa afirmação do autor, compreendermos como se apresenta esse cenário acelerado e perecível das notícias em um telejornal nos ajudará a enxergar os modos de vida da sociedade atual.

Para Franciscato (2005) o jornalismo é um relato do presente definido simbolicamente e que é lugar de referência para o agir humano, mesmo que o evento já tenha passado. Ele destaca também que o jornalismo não cria o tempo presente, mas pode atuar de forma privilegiada, reforçando a instauração de uma temporalidade social. Em outro texto de Franciscato (2009), ele revela que essas esferas temporais dentro do jornalismo podem ser nomeadas como temporalidade jornalística e é ela quem dá ordem aos processos e determina a credibilidade, aplica qualidade ao que é produzido.

A temporalidade jornalística ganha especificidade na prática social e cultural própria da instituição jornalística. A atividade jornalística está vinculada a uma organização institucional, sendo desenvolvida por um corpo técnico especializado que segue regras e normas éticas e profissionais que especificam seu papel social e delimitam critérios de qualidade de produto. (FRANCISCATO, 2009, p. 02)

Com a tecnologia e a possibilidade de acompanhar a notícia instantaneamente em outras plataformas, o telejornal teve que se renovar, ele segue um caminho de mudanças, mas que ainda não chegou ao fim. E, oportunamente, as mudanças surgem de fora para dentro, o público é o responsável por esse novo jogo de experiências temporais televisivas.

Valorizar o tempo da atualidade, do instantâneo, faz com que o que seja partilhado no telejornal seja feito com intensidade, a fim de competir com outros meios

mais instantâneos, como é o caso do computador, celulares e *tablets*, que por terem acesso à internet disponibilizam notícias e informações a qualquer tempo. No telejornalismo uma forma de trazer a notícia e valorizá-la por meio de seu impacto temporal é o alto investimento nas tratativas ao vivo. Esse modelo de anúncio do fato ganha mais força a cada dia. Porém, como nos lembra, Finger e Scirea (2017) o ao vivo não é uma novidade no ambiente da televisão. “Foi ao vivo que a televisão nasceu na década de 1950 e foi também assim que desenvolveu todo o repertório que veio a torna-la a mídia mais importante do país”. (FINGER e SCIREA, 2017, p. 139)

Como forma de atentar-se profissionalmente e academicamente para a importância da temporalidade no ambiente do telejornalismo, principalmente neste momento de readequação da mídia televisiva, temos como objetivo mapear o formato empregado na apresentação de um telejornal, valorizando o ao vivo no modo de trabalhar um assunto que ocupou os noticiários nacionais em todas as plataformas de mídia, e que causou impacto na população. O telejornal lançou mão do imediatismo para consolidar a legitimidade da mídia, dar credibilidade ao veículo e as informações, fugar a audiência. Bastou ligar a televisão durante o período da greve dos caminhoneiros que foi possível perceber a presença de um tempo social, como aponta Franciscato (2009), em que nos dava uma percepção de um presente construído e recortado pelas técnicas jornalísticas empregadas na cobertura.

Convém destacar que adotamos como definição de cobertura ao vivo, o que é proposto por Cavenaghi e Emerim (2012) que tratam a ‘transmissão direta’ como sendo aquela em que a exibição dos acontecimentos é ao vivo, sem cortes e em tempo real, ou seja, simultaneamente à ocorrência do fato. Neste caso específico, a cobertura da greve dos caminhoneiros não fazia referência a um incidente em um lugar, mas todo o país estava enfrentando a crise causada pelo bloqueio das rodovias.

Como estudo de caso foram analisadas as edições do Jornal Hoje dos dias 21 a 30 de maio, período no qual desenrolou-se a greve. O assunto ganhou capas de jornais, dias intensos de cobertura do cenário político e econômico do Brasil, nos diversos segmentos da mídia. Popularmente, tornou-se o assunto mais comentado nas rodas de conversa. Todos estes fatos motivaram uma cobertura especial por parte das emissoras de televisão. Na Rede Globo de Televisão, o Jornal Hoje, que é um telejornal vespertino

ocupou grande parte da programação e chegou a ter três horas de duração. A escolha de dar ênfase a cobertura ao vivo para orientar o telespectador em um ambiente desordenado, justificava as repetições, subsidiava as atualizações e anunciava as novidades dentro do campo do acontecimento jornalístico. “O ao vivo é pautado pela experiência imediata, num primeiro momento ainda desprovido de análise e contextualização”. (MOTTA e RUBLESCKI, 2013, p. 02)

2. A teia do tempo no telejornalismo

Adotamos a ideia de que o fato ou acontecimento aproxima-se do conceito de notícia, que trata diretamente de casos que merecem destaque nos veículos de mídia, caminhando pela consciência de que as pessoas precisam saber de sua existência. Sodré (2012, p. 33) afirma que na prática o acontecimento pode ser tomado como sinônimo de fato sócio-histórico. E, o autor ainda completa “Mas enquanto o acontecimento se pauta pela atualidade, isto por uma experiência singular na temporalidade do *aqui e agora*, o fato, mesmo inscrito na história, é uma elaboração intelectual”. (SODRÉ, 2012, p. 33).

Porém no que diz respeito ao fato e ao acontecimento jornalístico trabalharemos dentro do olhar de Vizeu e Correia (2006) que não fazem distinção entre ambos como outros autores das teorias do Jornalismo (GOMIS, 1997). Escolhemos essa abordagem por entendermos que certas configurações midiáticas contribuem para o alargamento da memória coletiva e além disso, discutem o cotidiano a partir de marcas do presente transformando-as em passado e questionando efeitos futuros, seja acontecimento como algo que transborda o instante ou o fato o evento em si, tratamos ambos, dentro do espaço telejornalístico, como passíveis de mesmo significado.

Alargando as discussões, para Alsina (1989) a comunicabilidade do fato significa que os meios de comunicação são os criadores dos acontecimentos jornalísticos. Ou seja, ao tornarem público e acessível o conhecimento de algo, eles transformam em notícia o que era da ordem do acontecimento. Tais acontecimentos jornalísticos afetam as pessoas de modos diversos, quanto mais afetadas elas forem, maior adesão ao conteúdo e conseqüentemente ao meio de comunicação. Portanto, caminhando pela estrada temporal dentro do contexto do acontecimento e sobretudo o

jornalístico, é justamente a atualidade que é considerada o elemento básico para que um acontecimento torne-se notícia para os veículos de mídia.

Orientados por este caminho seguimos com Vizeu e Correia (2008), o telejornal representa um lugar de referência para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. Os autores defendem que o telejornalismo também é um espaço onde se gera conhecimento. Não há notícia sem conhecimento. Os telejornais funcionariam como uma janela para a realidade. (VIZEU E CORREIA, 2008).

Lembramos que as histórias contadas no telejornal partem de um resumo de acontecimentos diários que representam um guia para o público. Ao longo dele, encontramos desde notícias que são retratadas em notas, reportagens, entradas ao vivo, entrevistas e uma série de formatos que usam recursos audiovisuais. Esses formatos são escolhidos seguindo requisitos estéticos, além de critérios que potencializam o acontecimento para o telejornalismo. O *deadline* é um deles, e é o maior exemplo disso. O tempo é o elemento mais forte para a decisão de montagem final de um espelho de um noticiário televisivo.

Dentro da redação de um telejornal, as equipes de reportagem, orientadas pelos produtores, geralmente preocupam-se em mapear os acontecimentos do dia e a partir de uma triagem de edição decide-se como encaixar cada tema em um formato. Durante os preparativos e a exibição do telejornal, o mundo está em movimento, e sempre algo relevante pode ocorrer. Acontecendo, o editor-chefe tem a missão de noticiar o assunto e escolher a forma que isso deve ser feito a ponto de deixar o fato mais interessante e compreensível para a audiência.

Quando este fato transborda os limiares da importância jornalística e quando ele por si só justifica-se como notícia extraordinária e infinitamente abordável, lança-se mão de processos jornalísticos para explorá-lo ao máximo, um desses processos é a cobertura. Seja ela de grande, médio ou pequeno porte, a cobertura está envolta de significados fundados na prática cotidiana televisiva. Segundo Cavenaghi e Emerim (2012), a cobertura em televisão está intimamente ligada a transmissão direta e ao vivo. Utilizamos as ideias de cobertura em telejornalismo propostos por Emerim e Brasil (2011).

Uma grande cobertura pode remeter a um tipo de trabalho jornalístico que mostre um acontecimento em todas as suas perspectivas ou, pelo menos, as perspectivas possíveis de ser exibidas em televisão através da função jornalística. Uma cobertura grande, por sua vez, remeteria a um longo período de tempo em que este acontecimento permanecesse em pauta. Porém, pode-se ter, também, uma grande cobertura - cuja temática é desdobrada em profundidade e cobertura grande - com um longo período de permanência na mídia. Ou seja, uma cobertura que além de muito aprofundada possa, também, durar muito tempo. E, em todas as “modalidades” pode-se empregar a transmissão ao vivo no modo de contar. (EMERIM e BRASIL, 2011, p. 04 - 05)

Outro ponto importante a destacar é que utilizar o ‘ao vivo’ em telejornais está cada vez mais recorrente. Se antes servia para atualizar o fato ou determinar as notícias ‘quentes’, agora ele é uma ferramenta de competitividade com a internet. É um recurso que serve para dar agilidade, instantaneidade e claro, imediatismo. Isso somado a credibilidade da emissora de TV é a combinação perfeita para fisgar a audiência e se apresentar como a chancela da veracidade da informação, espantando o fantasma das notícias falsas que ronda a internet e as redes sociais.

Adotamos também a diferenciação de tempo real e tempo atual, propostos por Fachine (2008). O primeiro está relacionado a transmissão do acontecimento no exato momento em que ele ocorre e o segundo faz referência a situação que já ocorreu, mas opta-se pelo ao vivo reportando os acontecimentos no passado ou, fazendo previsões de futuro.

Em nosso *corpus* é possível visualizar tanto as definições de Fachine (2008) quanto as de Emerim e Brasil (2011). As edições do JH formam uma cobertura grande, por ter durado muito tempo, e possuem os dois tempos da transmissão direta: o real e o atual. Isso é expresso quando os repórteres estavam no local dos bloqueios mostrando toda a situação causadora da desordem de abastecimento e também quando eles estavam em outro espaço mostrando os reflexos de decisões passadas, demonstrando uma perfeita intersecção entre espaço e tempo.

3. A cobertura do Jornal Hoje – O tempo como chave de análise

Foram observadas nove edições do Jornal Hoje, disponíveis no site da emissora entre os dias 21 e 30 de maio, período no qual ocorreu a greve dos caminhoneiros.

Decidimos recortar para a análise o instante da apresentação, não nos debruçamos a analisar as reportagens e nem as entradas ao vivo do ponto de vista discursivo, apenas as contabilizamos e observamos suas posições dentro do contexto de formato optado para a cobertura.

É possível observar e compreender que a decisão de uma cobertura especial, atribuiu tensão ao tema, deu força a narrativa e corroborou com o sentimento de dramatização e imprevisibilidade do desfecho, como indica Franciscato (2003) em suas reflexões sobre o uso do ao vivo no telejornalismo. Para tanto, sistematizamos o material em três operadores temporais: novidade, atualizações e repetições.

- 1) Novidades - Quando o apresentador traz informações por meio do ao vivo ou nota, de abordagens que ainda não foram relatadas no telejornal;
- 2) Atualizações - O apresentador deixa explícito na cabeça do vivo ou na nota que ele está atualizando tal situação que já foi apresentada anteriormente;
- 3) Repetições - Quando não se tem mais nada a dizer, mas é necessária a justificativa do chamado do ao vivo, ou do lembrete em uma nota;

Todo esse conjunto que foi analisado, a nosso ver, opera com fatores que levam a credibilidade e sensações de instantaneidade e imediatismo ao fato em discussão. Franciscato (2003) diz que efeitos como o de aproximação do tempo e do local dos eventos, bem como a sensação de pertencimento e de testemunha dos fatos, são os que fazem com que o ao vivo atribua credibilidade ao discurso jornalístico.

Ao transmitir ao vivo, instaura-se um novo contrato de sentido no discurso jornalístico, em que não é mais conveniente aceitar intervalos de tempo entre o evento e sua disponibilização pública (no máximo, alguns poucos segundos em decorrência do retardo do sinal nas transmissões por satélite). Isto significa dizer que o 'ao vivo' é uma construção discursiva que se baseia em uma mediação operada tecnologicamente para dar um efeito de audiência de mediação, um efeito de contato direto do público com o evento. (...) A aparência é de que o jornalismo em tempo real coloca-nos em contato direto com o evento, como se estivéssemos superando a mediação do veículo - e superar a mediação seria uma forma de afirmar um discurso com a pretensão de verdade, de eliminar a interpretação e a subjetividade. (FRANCISCATO, 2003, p. 278)

De maneira geral, pode-se dizer que todos os três operadores temporais foram utilizados na apresentação das nove edições analisadas. Sendo que é possível encontrá-los mais claramente nas edições do auge do protesto dos caminhoneiros, entre os dias 26

e 28 de maio. Nos três primeiros dias da greve, o noticiário manteve seu *fade* habitual, entre 35 - 40 minutos de duração. A partir do dia 24 de maio, o Jornal Hoje passou a ter uma hora de duração. Nos dias 26 e 28 de maio, o telejornal teve 3 horas e 2 horas de duração, respectivamente. E, nos dias 29 e 30 de maio, o *fade* permaneceu em 1 hora. Antes dos resultados, no entanto, cabe a descrição do protesto dos caminhoneiros.

A informação de que os caminhoneiros estavam realizando protesto nas rodovias de todo o país foi veiculada pela primeira vez³ no dia 18 de maio. A cobertura do Jornal Hoje deste dia deu ênfase aos preparativos do casamento real e a um atentado no Texas, nos Estados Unidos, como é possível conferir na página do telejornal⁴. No dia 19 de maio, a cobertura foi voltada para o casamento real⁵. No dia 21 de maio, o telejornal teve 38 minutos e destes, quatro foram reservados para falar da greve em uma reportagem.

Os protestos começaram a tomar forma na terceira semana de maio, puxados por associações de caminhoneiros autônomos que eram contra a política de preços da Petrobras. No dia 19, a Petrobras elevou os preços do diesel e os da gasolina nas refinarias. No domingo, dia 20, a Justiça Federal proibiu o bloqueio total de estradas federais por caminhoneiros no Paraná. Ao amanhecer da segunda-feira, dia 21, a paralisação já acontecia em 21 estados e os bloqueios eram totais ou parciais de rodovias. No dia 25, o governo anunciou o uso das Forças Armadas para desobstruir as rodovias e a situação só voltou ao normal após o Governo aceitar as propostas dos caminhoneiros, no dia 31 de maio.

4. As edições e as operações de tempo

- *A gente volta ao Rio de Janeiro para saber como estão as coisas por lá nos terminais de BRT.*
- *Edmilson Ávila, alguma coisa mudou por aí?*
- *-Nada, Donny! Nada mudou! (Jornal Hoje - 26.05.2018)*

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/05/caminhoneiros-cobram-do-governo-diesel-mais-barato-e-ameacam-greve-nacional.shtml>. Acesso em 30 de julho de 2018.

⁴ Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6745806/programa/>. Acesso em 18 de julho de 2018.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/principe-harry-e-meghan-markle-se-casam-em-windsor.ghtml>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

“ Esta é a cobertura especial da greve dos caminhoneiros. E a gente continua com a cobertura que estamos fazendo desde às 10h da manhã, de forma ininterrupta, agora com uma nova informação dos trens em São Paulo”. (Jornal Hoje - 26.05.2018)

- *Agora a gente volta a Brasília.*
- *E agora? Tem novidade por aí, Flávia?*
- *Tem sim, Donny. A reunião acabou. (Jornal Hoje - 26.05.2108)*

Durante a cobertura do Jornal Hoje realizada no período da greve dos caminhoneiros, podemos perceber que uma narrativa longa não trouxe informações quentes e agregadoras em todo o tempo em que se manteve ao vivo. Muitas vezes as informações tinham ares de requeitadas ou de repetições. Nos dias 26 e 28 de maio, a cobertura se estendeu por horas a fio, atualizando o que já tinha sido visto e dito, o que se via eram repetições de imagens e de falas. Poucas vezes encontramos informações novas. Para esta análise, observamos todos os nove vídeos da cobertura realizada pelo Jornal Hoje, mas para melhor visualização vamos centrar os exemplos da análise na maior edição: a do dia 26, que teve três horas de duração.

A edição do dia 21 de maio teve 38 minutos. A apresentação foi realizada por Sandra Annenberg e Donny de Nuccio. O telejornal começou com a reportagem da greve e seguiu com uma nota sobre reunião em Brasília. O assunto foi apresentado como **novidade** e sem muita relevância. Na reportagem foi vista uma ideia geral de como as manifestações ocorriam pelo país. No dia seguinte, dia 22, a edição também teve 38 minutos e dedicou um pouco mais de tempo: uma reportagem de cinco minutos e uma entrada ao vivo de um minuto da repórter Flávia Alvarenga, direto de Brasília. Dos seis minutos dedicados, podemos enxergar uma abordagem relacionada a **atualização** das manifestações e ainda uma explicação sobre a política de preços, o que figura também no quesito **novidade**.

Já no terceiro dia de cobertura, 23 de maio, o telejornal teve 37 minutos e já começou a trabalhar a greve dos caminhoneiros de outra forma, atribuindo senso de urgência e dramaticidade. Foram dedicados sete minutos e 20 segundos para a cobertura: uma reportagem de dois minutos atualizando a falta de diesel e de outros combustíveis nos postos do Rio de Janeiro e de Minas Gerais e já tocando em outros temas como a

falta de fornecimento de alimentos nos centros de distribuição e ainda os preços cobrados pelos alimentos e pelos combustíveis. Em seguida, os apresentadores chamaram outra reportagem de 1 minuto e 30 segundos sobre os impactos das paralisações no setor agropecuário. Uma nota em estúdio complementou o assunto e engatou com a cabeça de uma entrada ao vivo do Recife, abordando o transporte público. O bloco é fechado com uma reportagem de Brasília sobre as negociações do governo federal e por fim uma nota sobre o preço do dólar. Neste dia, encontramos **atualizações** e **novidades** e nas notas e nas cabeças das reportagens **repetições** do assunto.

A partir do dia 24 de maio, o telejornal passa a ter uma hora de duração e quase toda a edição é dedicada a cobertura da greve.

- *O protesto contra a alta do diesel chega ao quarto dia*
- *Caminhoneiros bloqueiam rodovias federais e estaduais*
- *Impedem o acesso as refinarias de petróleo*
- *E travam o escoamento de grãos por uma ferrovia*
- *O desabastecimento já é sentido pela população*
- *Motoristas fazem fila para encher o tanque dos carros*
- *E donos de postos abusam: a gasolina passa de R\$ 9, em Brasília*
- *No Recife postos foram lacrados por causa do aumento excessivo*
- *Quem depende do transporte coletivo também sofre. Parte da frota de ônibus municipais é retirada de circulação*
- *A Infraero monitora o estoque de querosene nos aeroportos*
- *O palácio do planalto convoca ministros e o presidente da Petrobras*
- *Os papéis da empresa despencam nas bolsas no Brasil e nos Estados Unidos*
- *A redução do pis confins pro diesel aprovado pela câmara é alvo de críticas de senadores*
- *Economistas demonstram preocupação com decisões que podem piorar ainda mais as contas do governo. (Jornal Hoje - 24 de maio de 2018)*

Nesta edição de uma hora, 50 minutos foram dedicados as manifestações, com entradas ao vivo contextualizando toda a situação dos dias anteriores e trazendo novidades. No início do telejornal encontramos exemplo de **atualizações** e também de **novidades**. Neste dia, Donny de Nuccio ancorou toda a cobertura.

“ Já são quatro dias de protestos dos caminhoneiros contra o preço do diesel. Os manifestantes bloqueiam estradas em vários estados. As principais consequências até agora atingem em cheio a população. A falta de combustíveis nos postos de gasolina e de alguns alimentos nas grandes distribuidoras. Os preços da gasolina e dos produtos horti-

fruti dispararam. Desde cedo há uma grande concentração de caminhoneiros na Via Dutra, Baixada Fluminense. O Genilson Araújo acompanha ao vivo, a bordo do Globocop e fala com a gente. Oi, Genilson! Boa Tarde!”. (Jornal Hoje - 24 de maio de 2018)

Depois seguem-se entradas ao vivo, nota em estúdio e reportagens gravadas. As entradas ao vivo trazem **novidades**, com novas faixas de bloqueio, já as reportagens trazem alternativas adotadas pelas pessoas, como abastecer o carro no Paraguai, as notas dão conta da suspensão de aulas em Universidades e Escolas Brasil a fora. Dentro da edição já é possível encontrar **repetições** como a situação dos aeroportos, com notas e entradas ao vivo para falar do querosene que abastece as aeronaves. Os dez minutos finais do telejornal tratam do noticiário internacional, da queda de um avião no Rio de Janeiro e sobre a concentração da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo. A edição do dia 25 de maio também tem uma hora de duração, e já começou de manhã com a transmissão ao vivo do pronunciamento do Presidente da República, Michel Temer. O que ficou perceptível foi que seguir com a cobertura não era esperado pelos apresentadores. Durante a explicação do pronunciamento, Donny de Nuccio informa que poderia voltar a qualquer momento com mais informações e rapidamente se desculpa dizendo que a cobertura realizada pelo Jornal Hoje tinha começado naquele instante.

“ Esse foi o pronunciamento ao vivo do Palácio do Planalto, do Presidente Michel Temer, a respeito da greve dos caminhoneiros. A gente pode voltar a qualquer momento com outras informações e você acompanha o Jornal Hoje já já. Olha só, vamos continuar já, né? A gente tem informações ao vivo de Brasília, como vocês sabem é um dia muito quente, com muitas informações, não é?”. (Jornal Hoje - 25 de maio de 2018)

O telejornal segue dedicando 52 minutos para a cobertura, entre entradas ao vivo e reportagens que explicavam o que eram as paralisações e os impactos na sociedade. Na edição, oito minutos foram reservados para a previsão do tempo, para o quadro ‘Esse é o Brasil que eu quero’ e ainda factuais. Neste dia, encontramos entradas ao vivo relacionadas a **atualizações** e logo depois do pronunciamento do presidente, as informações eram sempre relacionadas as tomadas de decisão em Brasília, remetendo a **novidades** e **repetições** do que já tinha sido discutido em dias anteriores.

No dia 26 de maio ocorre o salto da cobertura. O telejornal do sábado ocupa três horas seguidas da grade de programação e começa de manhã. A edição foi formada por

sete blocos e retratou o sexto dia de paralisação. O telejornal foi todo ancorado com entradas ao vivo de repórteres espalhados nas diversas afiliadas da Rede Globo nas quatro regiões do Brasil. Ao todo, contabilizamos 60 entradas ao vivo, muitas delas **repetições** e **atualizações**, não encontramos novidade. Foram 33 notas lidas em estúdio, sendo que oito vezes foram **repetidas** as informações sobre o estoque de querosene nos aeroportos e dez vezes foram lidas notas explicando o motivo da cobertura.

“ Este sábado é um dia de cobertura especial aqui na TV Globo. Todo nosso jornalismo está mobilizado para isso. O JH já começou, começou mais cedo ” .

“ Falando em aeroportos mais uma vez. Vamos lembrar aqui como está a situação do querosene de aviação nos principais aeroportos do país ” .

“ Hora de ir a Belo Horizonte, no Globocop (pausa). Deu erro e daqui a pouco a gente volta pra lá. A gente continua em São Paulo, como estávamos a pouco, voltamos para saber se alguma coisa mudou por lá. Obviamente em uma cobertura grande acontece um ou outro errinho. Vamos permanecer em São Paulo ” .

-A gente volta a falar ao vivo do Porto de Santos.

-Nina Barbosa, novidades por aí?

-Ainda nada de novo, Donny. A gente continua aqui no lugar conhecido como Retão da Lemoa, que é o acesso aos terminais aqui do Porto de Santos...

-Nina continue acompanhando, por favor, qualquer coisa é só me chamar.

Por várias vezes durante a edição do dia 26 de maio o apresentador explica se tratar de uma cobertura extensa. O que caracteriza ainda mais a nossa percepção do lado temporal e não ao que diz respeito a profundidade da discussão. Em um ambiente de desordem é possível que a escolha da cobertura relacionada ao tempo não faça relação direta a falta de conteúdo, mas trata-se de uma alternativa a priorização do sentido de urgência atribuído ao fato. Encontramos a alteração nas rotinas produtivas de elaboração do telejornal e o uso das repetições de informações e das poucas atualizações para valorizar a carga dramática e a imprevisibilidade do desenrolar natural da situação. A cobertura reforçou o relato mais espontâneo, o que pode ter gerado um efeito de proximidade e aguçado a urgência e necessidade de imediato no acompanhamento deste acontecimento em rodas públicas de conversa.

Nos dias seguintes 28, 29 e 30 de maio, o telejornal seguiu com duas horas e uma hora de duração, respectivamente. E segurando o mesmo estilo: entradas ao vivo, notas de atualização e poucas reportagens. Encontramos nos vídeos mais relatos descrevendo os dias de paralisação e sentimentos da população quanto a situação até aquele momento.

5. Considerações Finais

Apesar de toda essa adversidade com a contextualização do assunto e a manutenção de uma cobertura grande por um telejornal, as entradas ao vivo e a insistência em um perfil mais voltado para a atualização e a repetição de informações, indicam um grande teste e um aprendizado para os profissionais envolvidos, justamente neste período de transformação da TV brasileira que tenta manter seu espaço frente a internet.

É nesse tipo de cobertura que se utiliza o conhecimento jornalístico e o aperfeiçoamento com a incidência da instantaneidade e da profusão da urgência da transmissão em tempo real. É uma prática adotada que exige responsabilidade na decisão sobre como e quais informações devem ser veiculadas, seleção de fontes, agilidade na transmissão e compreensão da importância do instante, do tempo na construção desse telejornalismo que começa a surgir.

Nossa percepção é que diante do fato jornalístico transbordante a opção por uma cobertura extensa, com entradas ao vivo em larga escala, faz com que o telejornal ocupe espaços, se mostre presente e atuante. Convém lembrar que este tipo de cobertura não dispensa a necessidade de aprofundamento do tema, pois acreditamos que o telejornal deve promover o conhecimento. É necessário que haja a mudança do singular para o plural nos dias subsequentes. Que a análise dos fatos e até da própria cobertura em si ocorra, e que tudo seja contextualizado. Esse tipo de atitude posterior é importante dentro do campo do telejornalismo para que se afaste a ideia das discussões rasas e do sensacionalismo, que muitas vezes ronda as transmissões jornalísticas de TV. Que este trabalho abra novas discussões sobre o tempo no telejornalismo.

Referências

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989.
- BECKER, Beatriz. **Televisão e Telejornalismo: Transições**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- EMERIM, Cárilda; BRASIL, Antônio. **Coberturas em Telejornalismo**. In: ANAIS do XXXIV Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). Recife, 2011.
- _____;CAVENAGHI, Beatriz. **Cobertura ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais**. In: Anais do 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba-PR, 2012. Disponível em: <http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/viewFile/1699/296>. Acesso em 18 de julho de 2018.
- FECHINE, Yvana. Tendências, usos e efeitos da transmissão direta no telejornal. In: DUARTE, Elizabeth; CASTRO, Maria Lília (orgs.). **Televisão: entre a academia e o mercado**. Porto Alegre, Sulina, 2006.
- _____. **Televisão e Presença**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.
- FINGER, Cristiane; SCIREA, Bruna. Notícia em tempo real: As implicações da instantaneidade na credibilidade do telejornalismo. In: **Comunicação, mídias e temporalidades**. MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Orgs.). Salvador, EDUFBA, 2017.
- FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para a sua delimitação teórica**. Repositório de Teses - Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- _____. **A fabricação do presente: Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. Editora UFS: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.
- _____. **A Temporalidade Múltipla no Webjornalismo**. In: Anais do IX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação. Intercom - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009.
- GOMIS, L. **Teoria del periodismo: como se forma el presente**. 1reimpressão. Barcelona: Paidós, 1997.
- MOTTA, Juliana; RUBLESCKI, Anelise. **Cobertura ao Vivo em Televisão: o Improviso e o Testemunho em situações de tragédia**. In: Anais do V Sipecom - Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação, 2013.
- PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: STEINBERG, C. (org.). **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1966.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato – Notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- VIZEU, Alfredo. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo: do**

lugar de segurança ao lugar de referência. Publicado em Novembro de 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265907692>. Acesso em 26 de junho de 2018.